

## Josina Machel distinguida nos EUA com Prémio Trailblazer

05 OUTUBRO 2016, SELMA INOCÊNCIA



Não quer falar dos detalhes sobre a violência que sofreu do seu ex-namorado, na cidade de Maputo. Para Josina Machel, não convém se pronunciar enquanto o processo não tiver transitado e julgado. Passado um ano após o episódio, o jornal O País conversa com a activista social que, esta semana, foi distinguida nos Estados Unidos

### **Como está a sua recuperação após o incidente?**

Convivo com cicatrizes físicas e emocionais. Há mulheres que vivem com uma delas, infelizmente tive o infortuno de ter ambas. Acordo com uma cicatriz todos os dias, sou cega completamente num olho. A minha cara não é igual, não é simétrica.

### **Chegou a perder auto-estima?**

Claro, quem não perde? Não é fácil ver o meu filho a olhar para mim, e dizer “mãe eu tento fechar os olhos e lembrar-me de como tu eras e já não me lembro”. Isso afecta-me bastante. É uma batalha diária. Mas reconheço que é uma batalha diária de milhões de mulheres todos dias. Felizmente muitas delas têm cicatrizes que passam, depois de uma ou duas semanas, no aspecto físico, e depois todas nós ficamos com o trauma emocional. A nossa alma nunca volta a ser a mesma depois daquilo. Nós podemos dizer que passou, aguentamos, vamos ficar bem, mas nunca voltamos a ser o que éramos. Fiquei tão magoada, porque não tive a oportunidade de

poder me proteger. A minha intuição não funcionou porque não esperava nada parecido. Foi um choque brutal. Se tivesse visto sinais antes, seguramente denunciaria. Nunca sofri agressão. Foi a primeira vez e com este resultado.

**A Josina Machel é filha de uma das mulheres mais influentes no continente africano, Graça Machel, e do ex-presidente moçambicano, Samora Machel. É enteada do ex-presidente sul-africano, Nelson Mandela. Ao falar publicamente sobre o assunto, não teve medo de se expor?**

A minha maior vergonha não foi expor-me ao público e ao país que me trata por filha, Moçambique. A maior vergonha foi chegar ao hospital, ensanguentada, e ter de me identificar. Quando perguntaram pelo nome do meu pai, nome da minha mãe e o que me havia acontecido, vi-me na minha maior vergonha. Foi como ter uma manta pesada à volta de mim. Não sei se já ultrapassei esta fase. Vejo-me fortalecida hoje ao sentir que Deus está apostar na contribuição da minha vida. É como se fosse uma missão para sinalizar e salvar muitas mulheres. Preocupa-me o facto de muitas mulheres não denunciarem. Umhas por dependência financeira, outras por apego emocional ou outros motivos. Seja como for, não sabem que o que lhes está a acontecer é abuso, é uma violação dos direitos humanos. Então, se uma mulher não percebe isto, nunca vai denunciar. Precisamos quebrar o silêncio e dizer aconteceu comigo, ele bateu-me, bateram-me, essa é a diferença, é assim que vamos começar a fazer a diferença. Desta forma, este assunto vai deixar de ser daquelas coisas, que ninguém fala, ninguém pode ver, ninguém pode saber.

Sobrevivi, talvez não tivesse conseguido. Anualmente milhares de mulheres no mundo não sobrevivem. Qual é o impacto que isso tem para o sistema de saúde ou justiça? Qual é o impacto que isso tem nas nossas famílias? Que tipo de filhos é que nós estamos a criar? O facto deles ouvirem que a mãe está ali a gritar no quarto e que o pai está ali a abusar a mãe deve ser considerado normal? Acordamos e vamos à escola e pronto. Até quando nós vamos tolerar isto?

**Mas não vai mudar a sociedade radicalmente. Como pensa mobilizar?**

É óbvio que não. Não estamos a pensar em mudanças radicais, mas num passo, quebrar o silêncio. Para mim, a mudança numa sociedade vem de mulher para mulher. Nós, como

mulheres, precisamos acreditar que temos essa possibilidade. O nosso Governo dá-nos espaço como mulheres para podermos denunciar abusos. Somos tão iguais quanto os homens nos direitos e liberdades individuais. E por causa disto eu vou aceitar que alguém levanta a mão para a minha filha? Não, não vou.

Cerca de 2,8 milhões de mulheres morrem todos os anos por causa de violência doméstica no mundo. Gostava que nós pudéssemos eliminar a violência contra a mulher, pelo menos até a altura em que a minha filha, Zizile, tivesse 25 anos de idade, daqui a mais ou menos dez anos. É um sonho importante, é o que me faz pelo menos acordar.

### **Recebeu esta semana o Prémio Trailblazer 2016, pela ONG SOHO, nos Estados Unidos. A que propósito veio o reconhecimento?**

Foi para mim uma surpresa. “Trailblazer” é uma pessoa que abre caminhos no mato. A organização que me reconheceu ficou comovida pelo meu cometimento diário na causa da luta contra a violência doméstica e manifestaram o desejo de agradecer pela minha entrega e do movimento “Kulhuka”, aberto a indivíduos, instituições, que estejam interessados em promover mudança. Trabalhamos em Moçambique, na África do Sul e Swazilândia

### **O que significa este prémio para si?**

Este prémio significa que alguma coisa certa estou a fazer. É um estímulo para que possa continuar a fazer perceber a sociedade que algo está errado. É bom, quando se nota que algumas pessoas e instituições estão engajadas em prol de uma causa, que beneficia a muitas pessoas. Dedico este reconhecimento a Moçambique, à “Kulhuka” e sobretudo às mulheres que não conseguiram sobreviver à luta pela violência doméstica. São aquelas que hoje não estão connosco, deixaram de ser, ficaram para a memória. São mulheres que amamos, mas que nós chamamos eram, essas mulheres que naquele momento de terror, de horror e de medo deixaram de respirar e de estar connosco. O significado deste prémio está nelas.

**<http://opais.sapo.mz/index.php/entrevistas/76-entrevistas/42086-josina-machel-distinguida-nos-eua-com-premio-trailblazer.html>**